



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

LUISA FERREIRA LUIZ DE MIRANDA

O HERÓI IMORTAL:
AYRTON SENNA SOB A PERSPECTIVA JUNGUIANA

Rio de Janeiro

2025

LUISA FERREIRA LUIZ DE MIRANDA

**O HERÓI IMORTAL:
AYRTON SENNA SOB A PERSPECTIVA JUNGUIANA**

Monografia apresentada ao Departamento de
Psicologia do Centro de Teologia e Ciências
Humanas da Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em psicologia.

Luiz José Veríssimo

Rio de Janeiro

2025

Resumo

Presente em diversas culturas e mitologias, o mito ou jornada do herói é uma narrativa que aqui será explorada a partir de conceitos fundamentais da psicologia analítica. C. G. Jung desenvolveu a ideia de que a psique humana funciona com uma base no Inconsciente Coletivo, cujos conteúdos são comuns a todos os indivíduos, possuindo uma pré-disposição a imagens arquetípicas, sendo uma delas, a do herói. Neste estudo, o mito do herói será levado em consideração para a realização de uma análise do piloto brasileiro de Fórmula 1, Ayrton Senna, que se tornou ídolo de gerações e é chamado por muitos de herói.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Ayrton Senna; Mito do herói; Fórmula 1; Arquétipos; Inconsciente coletivo; Psicologia Junguiana.

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 5 |
| Capítulo 1: Inconsciente coletivo, arquétipos e símbolos | 8 |
| Capítulo 2: O mito do herói | 11 |
| Capítulo 3: A vida e carreira de Ayrton Senna | 17 |
| Capítulo 4: Senna e a jornada do herói | 20 |
| Considerações finais | 31 |
| Referências bibliográficas | 34 |

Introdução

Fórmula 1 é a modalidade mais conhecida e popular do automobilismo, comandada pela Federação Internacional do Automobilismo (FIA), esse esporte conta com a presença de carros da maior eficiência e potência, desde sua inauguração em 1950, em que pilotos e equipes de construtores competem pela vitória em cada corrida, em busca pelo prêmio final do campeonato. Dito isso, a Fórmula 1 se tornou um esporte que cativa a atenção de cada vez mais pessoas ao redor do mundo, que vibram por grandes nomes da categoria, sejam pelas equipes, como os italianos e a Ferrari, ou pelos próprios pilotos, como é o caso do ídolo brasileiro Ayrton Senna.

Nesse sentido, podemos entender que o apelo psicológico da Fórmula 1 pode ser estudado a partir da teoria de CG Jung, principalmente quando pensamos na existência de símbolos, de arquétipos e de alguns mitos.

A teoria junguiana abrange uma multiplicidade de conceitos desenvolvidos por C.G. Jung em uma busca pela compreensão da psique humana. Dentre esses conceitos, Jung formulou a hipótese do inconsciente coletivo, uma camada mais profunda do inconsciente que possui base inata e caráter universal, ou seja, faz parte da natureza psíquica de todas as pessoas. Os conteúdos do inconsciente coletivo são os arquétipos, possibilidades de imagens universais que existem desde os tempos primordiais da humanidade, que aparecem na sociedade através de diversas expressões mais conscientes, como na tradição religiosa, ou em mitos e contos de fada (Jung, 2014).

Para entender melhor alguns pontos de sua teoria, Jung (2011) diferencia signo e símbolo. O primeiro diz respeito a uma forma de linguagem clara, que possui significado determinado e sentido conhecido, como é o caso de marcas, nomes e siglas. Já o símbolo não se esgota de significados, pois denota algo além de nosso conhecimento, algo oculto e incognoscível. Então, uma figura simbólica é enigmática e carrega um teor inconsciente, sendo um objeto visível que sempre terá um mistério em si, mas que está constantemente presente em nosso cotidiano, seja na arte, literatura, mitos e até em sonhos (Kast, 2013).

A partir dessas informações, é possível pensar: como pode-se explicar o apelo psicológico e simbólico da Fórmula 1, a partir da psicologia analítica?

O esporte é uma atividade que sempre atraiu a atenção de milhares de pessoas em todo o mundo, fascinando o público por causa de competição, vitória, resiliência, luta e orgulho, e a

Fórmula 1 permanece nesse padrão. A compreensão do humano, é contemplada pela psicologia analítica não só nos símbolos estéticos e religiosos, mas, pode ser encontrada em formas contemporâneas de se vivenciar os arquétipos, como é o caso do automobilismo, que conta com estruturas arquetípicas da individuação, em especial a figura do herói.

Portanto, articular a Fórmula 1 e suas imagens com a psicologia arquetípica de Jung, torna atual a tese de Jung acerca da nossa herança psíquica, o inconsciente coletivo, que nos permite criar e assimilar símbolos, que emergem em várias épocas históricas, e que influenciam o modo como enxergamos o mundo e nossos comportamentos diante da vida (Henderson, 2016).

A Fórmula 1 não é um simples empreendimento comercial ou uma forma de entretenimento. Em geral, é vendida sob esses dois apelos, mas como em todo lugar, na Fórmula 1 também estão presentes imagens psíquicas arquetípicas. É necessário lembrar que o ser humano possui uma tendência a ver o sentido evidente e imediato do que toma por “realidade”, desconsiderando os seus aspectos psíquicos e simbólicos. O símbolo implica algo que nunca será completamente desvendado pela compreensão humana, por isso, ignoramos sua existência e nem sequer buscamos entender os motivos pelos quais algo nos atrai ou nos causa sentimentos profundos em relação a obras de arte, imagens religiosas ou figuras heroicas, por exemplo (Jung, 2016).

Dessa forma, esse trabalho busca contribuir para os conhecimentos da psicologia analítica ao desenvolver ideias sobre o funcionamento da psique humana e como o inconsciente coletivo é capaz de influenciar o comportamento humano, a visão e interpretação da nossa realidade, e explicar nossas atitudes diante de diferentes situações e até nossos gostos pessoais, como o esporte.

No decorrer dos capítulos, as bases teóricas da psicologia analítica serão exploradas para realizar correlações que indiquem o que faz com que a Fórmula 1 seja tão presente e popular a nível simbólico e inconsciente. Utilizando livros e artigos selecionados, com foco nos autores principais da abordagem junguiana, como CG Jung, Verena Kast, Joseph Campbell e outros, será desenvolvida a hipótese do inconsciente coletivo e como ele influencia o pensamento e comportamento humano. Além disso, será traçada uma relação entre a Fórmula 1, seus aspectos gerais e sua imagem, com os arquétipos, símbolos e o mito do herói, usando o caso de Ayrton Senna como base.

No capítulo 1, será desenvolvida uma explicação sobre conceitos fundamentais da psicologia analítica, incluindo a hipótese do inconsciente coletivo, assim como os arquétipos e a noção de símbolo. No capítulo seguinte, a partir de obras de mitólogos e autores junguianos, o mito, ou jornada, do herói será analisada, apontando suas características e variações, de forma que possa dar uma ampla visão dos pontos principais que essa narrativa arquetípica possui.

Já no terceiro capítulo, será apresentado um breve resumo da carreira do piloto brasileiro de Fórmula 1, Ayrton Senna, incluindo alguns fatos de sua vida pessoal, para um melhor entendimento biográfico do atleta. Por fim, no capítulo 4 estará uma síntese sobre como é possível enxergar diversos aspectos do mito do herói na jornada de Senna, evidenciando momentos coincidentes e significativos, os quais reforçam a fantasia coletiva que coloca o título de ídolo e herói em Ayrton Senna.

Capítulo 1: Inconsciente coletivo, arquétipos e símbolos

1.1. Inconsciente coletivo e arquétipos

Em “A natureza da psique” (Jung, 2013), o autor define o conceito de inconsciente como o conjunto de material psíquico que é desprovido da qualidade de consciência, englobando lembranças, conteúdos esquecidos e recalçados e que podem se tornar conscientes caso haja algum esforço para tal. Assim, esses elementos com características mais individuais e que dizem mais respeito às memórias e vivências de cada sujeito fazem parte do que ele chamou de inconsciente pessoal.

Por meio de suas análises de sonhos de pacientes e observação de sua própria mente e imagens oníricas, Jung propôs a hipótese do inconsciente coletivo, na qual ele entende que existe outra camada mais profunda e complexa do inconsciente humano. No livro “Memórias, sonhos, reflexões” (2021), Jung revela um de seus sonhos mais simbólicos e que ele admite ter sido a primeira vez em que pensou nesse nível coletivo do inconsciente, em 1909. Esse sonho retrata uma casa desconhecida, mas que o pertencia, e nela havia mais de um andar: ele estava no mais alto, com estilo e decoração rococó; ao descer ao térreo, encontrou penumbra e uma arquitetura medieval; ao abrir mais uma porta, seguiu as escadas de pedra até uma adega, com teto em abóboda e paredes em estilo romano; quando achou uma argola no piso, puxou-a e desceu por mais uma escada, agora mais estreita, que conduzia a uma caverna baixa de pedras, onde se deparou com fósseis e restos de uma cultura primitiva, pré-histórica, junto com dois crânios humanos já em estado de decomposição avançado.

Analizando seu próprio sonho, Jung percebeu que a casa em si era uma clara representação da psique, em que o andar mais alto era o equivalente à consciência, e que no térreo, já era possível reconhecer a esfera inconsciente de nossa mente. Ele acrescenta, então, que a cada nível, o conteúdo da casa vai ficando mais sombrio e antigo, novamente confirmando esse âmbito inconsciente que nasce de uma época muito anterior e primitiva. A casa, portanto, “descrevia, como um diagrama estrutural da alma humana, uma condição prévia de natureza essencialmente impessoal” (Jung, 2021, p. 168).

A partir dessa análise, Jung desenvolve a hipótese sobre conteúdos psíquicos que são *a priori*, ou seja, possuem a sua origem antes de nosso nascimento. Eles constituem a instância psíquica que Jung denomina o inconsciente coletivo e foram intitulados “os arquétipos”: “possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar” (Silveira, 1981, p. 77), e que existem em toda humanidade como algo em comum,

aparecendo em nossos mitos, lendas, contos de fada e outras manifestações artísticas, por exemplo. Por serem essencialmente probabilidades latentes, quando um indivíduo se depara com situações, dilemas e questionamentos naturais do ser humano (como a morte, o renascimento, a natureza e o próprio homem), o arquétipo correspondente se atualiza e se estrutura como uma imagem arquetípica. Essa forma arquetípica é a que mais chega próxima ao nosso consciente e, portanto, se faz conhecer com mais facilidade do que aquilo que é chamado de “arquétipo em si”, um entrelaçamento de energia psíquica que se mantém inconsciente e é imperceptível, inalcançável (Jacobi, 1995).

No entanto, deve-se lembrar que essa noção de “arquétipo” pode ser ligada a ideias anteriores, desenvolvidas por outros autores, como: Nietzsche, que fala sobre como o sonho nos leva a um mundo em comum à longa cultura humana, de muitos anos atrás; Adolf Bastian, propondo as “ideias elementares”, arranjos psíquicos primordiais sobre os quais a estrutura social foi desenvolvida; Franz Boas, que disserta sobre uma unidade da espécie humana, apontando padrões de pensamento que aparecem em qualquer cultura; e ainda, Freud, que admitia um tipo de simbolismo que não aparecia somente em sonhos pontuais, mas também no imaginário inconsciente de um povo, aparecendo em suas lendas, mitos, folclores, etc (Campbell, 2023).

Sinteticamente, a partir do conceito de arquétipo, entende-se que o inconsciente coletivo é uma categoria psíquica que possui origem em épocas muito remotas do ser humano ancestral e, por isso, apresenta conteúdos de natureza impessoal. Esses arquétipos e instintos formam essa esfera inconsciente que é transmitida hereditariamente, formando traços estruturais da psique humana, comum a todos os indivíduos independentemente da etnia, cultura ou criação (Silveira, 1981). Essa passagem hereditária nada tem a ver com a transmissão de memórias pessoais e suas qualidades, mas sim de uma “condição estrutural da psique”, ou seja, os arquétipos atuam como moldes de ideias e são a probabilidade de imagens que afetam nossas vivências e pensamentos (Jacobi, 1995).

1.2. Símbolo

Jung descreve o símbolo como um termo que usamos para nomear algo que é presente em nosso cotidiano, mas que possui mais significado do que aquilo que simplesmente vemos. “Símbolo” traz algo de oculto em si, é enigmático, ainda desconhecido e pode até estar fora dos domínios da compreensão humana. Ele acrescenta ainda o fato de que é natural que o ser

humano não possa conhecer um objeto de estudo por completo, como a própria psique, ressaltando que nossa experiência é vivida através dos sentidos, mas também por uma percepção inconsciente da realidade (Jung, 2016). É por tal motivo que torna-se importante o estudo do inconsciente coletivo e dos arquétipos, para poder chegar o mais próximo possível de um entendimento sobre nossa psique e interpretação das nossas vivências.

Sobre os símbolos, Kast (2013) escreve sobre algumas de suas características, sendo que uma delas é que ele pode surgir espontaneamente por uma atividade inconsciente, como ocorre nas fantasias, nos mitos e nos sonhos, e a partir disso, o símbolo aparece como uma representação de algo que ainda não nos conectamos e nem deciframos. No entanto, ainda que seja preciso um esforço e reflexão para desvendar parte do significado de um símbolo, há uma atração anterior do ser humano por tal símbolo, pois ele carrega uma importância quando existe uma conexão entre ele e o indivíduo. Para reforçar a relevância desse contato, Verena Kast diz: “a vida se torna significativa em conexão com tais símbolos. (...) Quando as pessoas vivem com símbolos, a história de vida pode ser reconstruída a partir deles” (Kast, 2013, p. 21).

Os símbolos aparecem quando o arquétipo-em-si (forma vazia e intangível) entra em contato com o consciente, que possui natureza criadora e, por isso, assume o trabalho de gerar imagens mais acessíveis e que tenham sentido e significado próximo do arquétipo original inconsciente. Assim, todos os arquétipos são potencialmente símbolos e, com a atividade psíquica, surgem as imagens arquetípicas, que são a manifestação simbólica e compreensível desses aglomerados de energia psíquica inconscientes (Jacobi, 1995).

Joseph Campbell, ao elaborar sobre as mitologias e, principalmente o mito do herói, também fez reflexões sobre os símbolos. Para ele, “símbolos são apenas veículos de comunicação” (2023, p.224), e, com isso, levando em consideração o caráter milenar dos mitos, vemos essas narrativas como uma espécie de espelho dos mistérios, desejos, fé, medos e esperança dos seres humanos, que organizaram conscientemente essas ideias arquetípicas em símbolos mitológicos.

Diante dessa visão, é possível entender como o símbolo nos afeta constantemente durante nossa vida. Independente de onde ele apareça, em sonhos, pinturas, poemas ou mitos, o símbolo nos conecta com estruturas fundamentais e inconscientes de nossa psique, formando relações com conteúdos remotos do ser humano e trazendo significados mais profundos aos problemas e questionamentos que nós, como indivíduos, nos deparamos durante a vida.

Capítulo 2: Mito do herói

Os mitos se manifestam há milhares de anos, com diversos objetivos e ensinamentos, propondo causas para sermos quem somos, ou contando histórias de atos grandiosos que fascinam qualquer um. Seja na Grécia Antiga, nas tribos indígenas da América ou no Oriente Médio, é evidente que existe algo que chama a atenção nessas histórias repletas de símbolos e que participam das raízes de diversas culturas e religiões pelo mundo.

Em “Mito e realidade” (1998), Eliade deixa mais claro qual a importância do mito e de mantê-lo vivo, que é principalmente o fato de que essas histórias trazem uma estrutura correspondente a modelos do comportamento humano. Isso torna o mito algo de grande valor, pois nos mostra de maneira simbólica diversos fenômenos humanos, como sentimentos, condutas, excessos, faltas, e origens das culturas, ritos e lógicas sociais.

Dito isso, existe uma classe de mitos que costuma carregar maior fascínio e importância psicológica que outros, que é o chamado “mito do herói”. Nessas narrativas, existe uma sequência que mais se repete universalmente, sendo ela: o nascimento humilde e milagroso do herói; o momento em que a sua força extraordinária e precoce é comprovada; a rápida elevação do herói, que o faz ganhar glória e poder; a luta e vitória contra os oponentes; a possibilidade de falhar e de sucumbir à tentação do orgulho exagerado; e, por fim, o declínio, que pode acontecer devido uma traição ou um sacrifício grandioso. Assim, nesse tipo de história, o que há de mais importante no campo psicológico é a maneira que o ser humano encara esse mito como um símbolo de tudo aquilo que ele deseja alcançar, e da busca pela descoberta e afirmação de sua própria individualidade, como foi dito por Joseph L. Henderson (2016, p. 144): “Isto é, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana”.

Junito Brandão, em seu livro *Mitologia Grega Volume III* (1987), junta algumas concepções de diversos autores sobre quem seria o herói. Uma dessas descrições é de um pesquisador italiano, Angelo Brelich, que caracteriza esse personagem como de natureza sobre-humana, que participa fielmente de lutas e combates, e que pode apresentar um lado mais obscuro, violento e que ultrapassa limites. E, ainda que possua natureza sobre-humana e origens privilegiadas, sua jornada é comprometida por circunstâncias críticas, que fazem com que, após todas as vitórias e conquistas, “em razão mesmo de suas imperfeições congênicas e descomedimentos, o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico” (Brandão, 1987, p. 19).

Para o autor junguiano Joseph Campbell, as aventuras de um herói clássico dos mitos se baseia em três estágios, aos quais ele descreve em seu livro “O Herói de Mil Faces” (2023): a separação ou partida, em que o herói recebe um tipo de chamado para a missão; as provas e vitórias da iniciação, quando os desafios a serem enfrentados começam; e por fim, o retorno e a reintegração à sociedade, que é a volta do herói de sua missão à sua comunidade de origem. Em resumo, Campbell (2023) destacou essa trajetória padronizada do herói como uma alusão às três partes que caracterizam os ritos de passagem presentes em diversas culturas primárias: “separação-iniciação-retorno”.

Sobre esses rituais de passagem, o que aparece nesse primeiro estágio da narrativa heróica é o “rito de iniciação”, que marca a saída do meio infantil e leva o jovem até o início de sua vida adulta dentro da sociedade em que vive (Henderson, 2016). Aqui, então, surge o simbolismo na fase de “separação ou partida” da morte e renascimento do herói, pois ele deixa de ser algo menor e às vezes negligenciado, e passa para uma posição de maior importância, em que ele é visto e pertence a um grupo diferenciado. A criança morre para que o adulto, com deveres e talentos, possa nascer e tornar-se significativo para a sua comunidade. E a partir disso, o sujeito, agora maduro, está apto a receber e lutar em desafios que irão testar sua força, coragem, motivação e resiliência.

Junito Brandão inclui aqui a presença de um mestre, que aplica uma “educação do herói”, logo nessa fase inicial. Mesmo que esse jovem prodígio tenha nascido com dois atributos essenciais, a *timé*, “honorabilidade pessoal”, e a *areté*, “excelência” ou grandeza em relação aos outros seres mortais (Brandão, 1987, p. 23), ele necessita ter esse encontro com a figura sábia, já que sua maior função, para Brandão, é auxiliar na passagem do herói por esses rituais, que o garantem instrumentos de sabedoria política e espiritual para suas futuras lutas.

Desse modo, esse estágio da partida contém mudanças grandes na vida do herói, que começa uma nova fase da vida, indo em direção ao desconhecido, novo e sombrio, e com desafios que devem ser superados, esse jovem tem o dever de enfrentar essa escuridão, muitas vezes com a luz de seu fascinante guia, quem precede o verdadeiro “chamado à aventura”. Na maioria dos mitos, o herói aceita tal chamado, sendo por escolha própria e corajosa, ou então sendo atraído, seduzido e até arrastado por alguma força maior, que o leva a conhecer esse novo mistério (Campbell, 2023).

Entretanto, isso nem sempre ocorre. Existem casos, reais e em contos populares, em que o sujeito não sai de onde está, não busca movimentar seu destino e, por isso, escolhe recusar o

chamado, julgando que possui outras prioridades ou interesses para sua vida. Essa recusa, no entanto, acaba gerando sofrimento ao jovem, que então é acometido por um vazio e uma perda de sentido, em que se nega qualquer possibilidade de um futuro que não seja fixo e “seguro”. Sendo assim, até que o herói decida livrar-se de seus padrões rígidos, ele é atormentado por um ser maior, divino, que nada mais é do que “a imagem do eu vivo dentro do labirinto trancado de nossa própria psique desorientada” (Campbell, 2023, p. 66).

No caso dos que aceitam e seguem esse chamado, algo que frequentemente aparece nessas narrativas, é a presença de guardiões ou mestres, cuja função principal é a de auxiliar o herói nos momentos iniciais de fraqueza, protegendo-o e preparando-o para a realização de seus trabalhos árduos futuros. Essa figura, que traz consigo características de sabedoria e experiência, simboliza a totalidade da psique, de modo que representa a força em direção à consciência do eu, para que o herói - ou indivíduo - tenha ciência de suas dificuldades e fraquezas, e possa enfim superá-las diante dos obstáculos da vida (Henderson, 2016).

Esses seres protetores, geralmente mais velhos e orientadores, concedem ao herói uma espécie de amuleto, que garante o êxito na sua missão e a realização de seu destino. De forma simbólica, os guardiões são também um reflexo de nossos opostos inconscientes - o bom e o ruim, o belo e o feio, o destruidor e o protetor -, representando “o apoio que nossa personalidade consciente recebe desse outro âmbito, esse sistema mais amplo” (Campbell, 2023, p. 77), sistema esse entendido como o domínio inconsciente da nossa psique. E é com essa força sobrenatural que o herói é capaz de entender o que deve fazer para triunfar sobre as ameaças perigosas e obscuras, passando pelo primeiro limiar, agora dotado de mais sabedoria e consciência.

Porém, existe a possibilidade de, ao invés de lutar contra os guardas desse primeiro limiar que leva aos perigos e à escuridão, o herói é devorado pelo desconhecido, e, com isso, repete-se a ideia de uma morte, a autoaniquilação, para que haja um renascimento e ocorra uma metamorfose. Essa transformação pode ser representada como entrar na barriga de um grande monstro, ou até entrar em um templo sagrado, mas em qualquer forma, o mais importante é como o herói deve se livrar de resistências do mundo exterior, e se entregar totalmente aos mistérios do interior desse monstro ou templo. Só assim ele poderá renascer e libertar-se das rédeas do ego, podendo então caminhar espontaneamente rumo às aventuras repletas de figuras ambíguas, cenários oníricos e tarefas grandiosas (Campbell, 2023).

O próximo passo nesse mito, levando em conta o herói masculino, é o simbolismo do casamento místico ou religioso, o encontro com a deusa, ou, de maneira mais concreta, é quando o jovem percebe a viabilidade de um relacionamento com seu oposto, não precisando ser um casamento literal entre marido e esposa, mas também a compreensão que o homem começa a ter de seu aspecto feminino (Henderson, 2016). Aqui, o feminino também aparece como uma união de opostos: ela é a vida e a morte, o bom e o mau, a sedução e a virgindade, o nutrir e o destruir. Campbell descreve esse feminino como “a encarnação da promessa da perfeição” (2023, p. 110), dizendo que, de maneira simbólica, ela “representa tudo o que pode ser conhecido” (2023, p. 115), e com isso, cabe ao herói esse trabalho de conhecê-la.

Estabelecida essa relação com o feminino, o herói agora passa para uma fase que pode ser um pouco assustadora, que é a reconciliação com o pai, pois essa figura também é repleta de opostos, mas assim como a mãe é normalmente mais vista pela sua natureza protetora, amável e de nutrição, o pai costuma ser notado pela sua essência destruidora, de proibição e castração. No entanto, o que não se percebe tão facilmente é que o herói acaba projetando sua própria natureza de “pai ogro” nessa figura paterna, e, por isso, deve passar pelo trabalhoso processo de desvincular-se desse apego que tem ao ego, iniciando uma atividade de enxergar a bondade do pai, confiando nele e em sua piedade e proteção (Campbell, 2023).

Outra ação do pai mitológico é o de suscitar ao herói, corajoso e que se abre para ir de encontro com o terror e o medo, a descoberta de que o paradoxo existe: “a luz do imperecível que destrói ilusões é a mesma luz que cria” (Campbell, 2023, p. 142). Então ele entende, que criação e destruição são dois lados de uma só coisa, mãe e pai fazem parte de um ser cósmico unificado e pai e filho, por conseguinte, se unificam e se reconciliam, dando ao filho a nova responsabilidade de agora ser o iniciador, quem guia os ritos e quem pertence e comanda um grupo mais elevado.

Algo interessante citado por Campbell (2023) é o simbolismo que vem das chamadas “maravilhas” do mito do Bodisatva, o ser iluminado. “Nós não mais desejamos e tememos: somos o que é desejado e temido” (p. 156), refere-se à primeira maravilha, a essência dupla/andrógina da presença, que se reflete no mito do herói, que passa pelo encontro com a deusa ou o feminino, e pela reconciliação com o pai, para então chegar a uma revelação mais profunda, a de que o herói é, em si, aquilo que ele veio a procurar, pois ele próprio possui o paradoxo em seu interior.

Na terceira maravilha do Bodisatva, a primeira é alusiva à segunda maravilha, sobre o tempo e a eternidade. Geralmente o tempo é um representante do feminino e a maternidade do masculino, sendo eles duas facetas de um totalidade, o mundo o qual conhecemos, cujos seres são tanto transitórios quanto eternos. No entanto, deve-se estar atento ao fato de que esses papéis não são fixos e somente opostos, já que o masculino também pode ser eterno e o feminino temporal, e isso é porque fazem parte do paradoxo, em que cada um é um, mas ambos são o mesmo e a união dos dois é uma figura maior que cada um separado (Campbell, 2023).

Mais adiante na jornada do herói, ocorre o chamado “retorno”, que condiz com a responsabilidade heróica de voltar às origens, trazendo consigo tudo o que foi conquistado e aprendido. Claro, existe a possibilidade da recusa desse retorno, assim como no início pode ocorrer a recusa ao chamado. No entanto, mesmo que não seja uma ação totalmente voluntária, o herói tende a concretizar este regresso, seja devido a um resgate, a uma fuga que o leva de volta à sua origem, ou até a ajuda de seres maiores e divinos. O ponto principal dessa fase é a “última crise do ciclo” (Campbell, 2023, p. 207), caracterizada pela dificuldade que é atravessar o mundo místico das aventuras para o domínio racional e cotidiano, o qual é repleto de pessoas incapazes de compreender e acreditar nas maravilhas, desafios e mistérios que o herói traz com ele e, por isso, sua luta ainda não está acabada.

Nessa última fase do ciclo o maior problema do herói regresso é, portanto, a transmissão desses ensinamentos e dádivas que recebera no além, pois, para ele que experienciou os dois reinos, divino e mundano, ficou mais claro o entendimento de que ambos são um só. O herói é aquele que tem o poder, e o dever, de repassar os mistérios e os símbolos sagrados, e essa é uma tarefa árdua, já que ele mesmo precisa sobreviver e sustentar o impacto, as emoções e banalidades que ele encontra ao retornar ao mundo mortal. E com essa livre e complexa transição entre os dois reinos, o herói consegue vivenciar o paradoxo em que o divino e o mudando são um só, e isso se transforma em uma compreensão muito maior de tudo o que ele já passou, o que ele sabe e o que irá experienciar, e tal é o destino que ele seguirá e mostrará aos habitantes do mundo comum (Campbell, 2023).

Passando por esses blocos narrativos, o autor Joseph Campbell descreve essa como a estrutura básica do mito do herói, existindo inúmeras variações, mas todas repletas de símbolos, figuras mágicas e divinas, paradoxos e pontos de reflexão que encantam os seres humanos há milhares de anos. Ele também coloca um objetivo evidente do mito, que é o de “servir como uma poderosa linguagem pictórica para comunicar a sabedoria tradicional” (Campbell, 2023,

p. 244), sendo então um facilitador para o entendimento de questões profundamente humanas, organizando formas, situações e personagens em símbolos de nossos medos, desejos e processos inconscientes universais e primitivos.

A partir dessa breve explicação conceitual dos termos e ideias junguianas, é possível traçar uma clara relação simbólica entre o fascínio do homem pelo mito do herói e pelo esporte, mais especificamente a Fórmula 1, que é a modalidade mais popular do autoesporte, sendo baseada no esforço constante dentro de uma competição entre outros pilotos, em que o objetivo único é o triunfo do herói de cada temporada.

Além desse aspecto competitivo, que já remete à luta do herói contra os oponentes e forças desafiadoras, existe ainda a possibilidade de interligar as fases da jornada do herói com as fases da vida e carreira de um piloto. Um exemplo disso é o caso de Ayrton Senna, piloto brasileiro que representou sua nação em um meio esportivo onde a europa era dominante. A trajetória de vida e carreira de Senna se mostra próxima a esse modelo do mito do herói: demonstrou grande talento já no kart e categorias de base, tornando-se uma promessa para um futuro vitorioso; chegando enfim à Fórmula 1, lutou contra seus rivais nas pistas e estabeleceu uma grande carreira, conquistando três títulos mundiais e 41 vitórias em grandes prêmios. Sempre em uma árdua batalha pela consagração nesse esporte que era sua paixão, Ayrton encontrou a morte, em 1994, vítima de uma forte batida a qual ele não resistiu.

O exemplo de Ayrton Senna se encaixa de uma forma peculiar na questão do mito do herói, pois de certa forma confirma a noção de que uma pessoa, ao atingir grande status e reconhecimento em sua área, passa então a ser vista como um eterno símbolo de coragem, motivação e heroísmo. E foi isso que aconteceu com Senna, que ainda hoje é lembrado como grande nome para atletas e a sociedade em si, ocupando um lugar de ser admirado por tantas nações, mas principalmente a brasileira, que se orgulha e o chama de herói.

Capítulo 3: A vida e carreira de Ayrton Senna

Com dez anos de carreira na maior categoria do automobilismo, a Fórmula 1, o piloto brasileiro Senna já havia despertado seu interesse pela velocidade aos 4 anos de idade, quando seu pai, Milton, construiu seu primeiro pequeno kart. Com o crescente interesse por carros e corrida, Ayrton começou a competir em seu kart em 1973 e conquistou vitórias e títulos, entre eles o de Campeão Sul-Americano de Kart e o de Vice-campeão Mundial de Kart. Rápido como era, isso o levou a ganhar notoriedade e o ajudou a chegar na Fórmula 1600, em 1981 na Inglaterra, onde venceu várias corridas e, com a única e jovem esposa da época, Lilian, Ayrton pôde deixar claro em suas ações o que o automobilismo significava para ele: “Era a vida dele” (Rodrigues, 2024, p.32).

Em 1982, correu na Inglaterra novamente, dessa vez na Fórmula 2000, recebendo mais um título de campeão e atraindo olhares de repórteres e profissionais da Fórmula 1, mas Senna ainda queria provar seu talento. Por isso, decidiu que em 1983 entraria na Fórmula 3, na equipe West Surrey Racing, quando deixou para trás o nome “Ayrton da Silva” e oficialmente passou a correr com o nome mais conhecido pelos fãs, “Ayrton Senna”, garantindo a vitória do campeonato na categoria de base, que representa uma preparação digna para o próximo passo, a Fórmula 1 (Rodrigues, 2024).

Sua chegada na Fórmula 1 foi através da equipe inglesa Toleman-Hart, em 1984, mas no ano seguinte optou por correr em uma equipe com mais recursos, a Lotus, que garantiu suas primeiras seis vitórias na Fórmula 1, além de 16 pole positions. Em sua estreia no Grande Prêmio de Mônaco, Senna impressionou os espectadores com sua performance, quando largou da décima terceira posição, mas, mesmo com a condição de chuva intensa, conseguiu escalar o grid e chegou próximo de Prost, que liderava a prova. O jovem brasileiro teria conseguido ultrapassar o francês e assegurado uma vitória inédita, porém, por decisão do diretor de prova (e ex-piloto) Jacky Ickx, e à pedido de Balestre, o então presidente da Federação Internacional do Esporte Automobilístico, a corrida foi encerrada antes que Senna pudesse ter a chance de se provar como uma espécie de prodígio no esporte (Rodrigues e Bizarelo, 2024).

Em 1988 Ayrton firmou-se como um dos grandes pilotos da lendária McLaren, permanecendo por seis anos e coletando incríveis conquistas. A equipe foi berço de vários nomes importantes para a Fórmula 1, incluindo outro brasileiro, Emerson Fittipaldi que, em 1974, garantiu o primeiro título do campeonato de pilotos para a McLaren, tornando-se bicampeão mundial, marca que seria ultrapassada por Ayrton: 3 títulos mundiais e 35 vitórias.

E logo na temporada de estreia pela equipe, Senna usou seu motor Honda para vencer oito corridas, passando à frente de seu companheiro de equipe e eterno rival, o francês Alain Prost (Donaldson, 2025).

Após vencer a última corrida de 1993, Senna entendeu as dificuldades que passava com o carro da McLaren e preferiu correr em 1994 com a tradicional equipe Williams, que estava mais rápida no ano anterior, mas por uma mudança de regras da FIA, teve que abandonar seus recursos eletrônicos que lhe davam vantagens nas provas. Assim, enfrentando desafios com o projeto de carro desconfortável e arisco da Williams, sem vencer campeonatos e com a ameaça de um novo e rápido piloto alemão, Michael Schumacher, Senna já estava emocionalmente conturbado e isso piorou no fim de semana do Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, Itália (Redação National Graphic Brasil, 2024). Anos depois, Schumacher se tornaria o novo grande nome do automobilismo, com diversos recordes quebrados e o maior número de títulos mundiais da história, sete vezes campeão, proeza repetida apenas pelo inglês Lewis Hamilton, em 2020 (CNN Brasil, 2020).

Preocupado com a segurança dos carros na Fórmula 1, Ayrton já buscava se reunir com ex-pilotos, como Niki Lauda e Jackie Stewart, a fim de discutir projetos que deixariam a categoria mais segura para os atletas, e o que aconteceu em Ímola naquele ano evidenciou a importância de um olhar atento nessa questão. O novo piloto brasileiro, Rubens Barrichello, sofreu uma forte batida no dia 29 de abril de 1994, a mais de 200 km/h na curva Variante Baixa que poderia tê-lo matado, mas, felizmente, ele sobreviveu aos graves ferimentos. Já o austríaco Roland Ratzenberger não teve a mesma sorte no dia seguinte, quando chocou seu carro no muro a mais de 300 km/h, após passar pela reta que ligava as curvas Tamburello e Villeneuve, acidente que o fez perder a vida (Rodrigues, 2024).

Diante dos ocorridos, estabeleceu-se a dúvida: Ayrton Senna correria o Grande Prêmio de Ímola, mesmo após os graves acidentes que surgiram na pista? Ficou claro para seus amigos próximos que Ayrton tinha ficado abalado ao ver dois de seus colegas correrem tais riscos em carros semelhantes ao seu, no entanto, a competição falou mais alto, e Senna foi para a pista no domingo, dia 1 de maio de 1994.

Já na largada, outro acidente, dessa vez envolvendo dois carros, um da Lotus, e outro da Benetton, o que fez com que as próximas cinco voltas fossem completadas com os demais pilotos seguindo o *safety car*, que, por ter uma velocidade mais baixa que os carros de Fórmula 1, acabou interferindo no aquecimento adequado dos pneus. Schumacher atrás de Senna, a sexta

volta da corrida foi finalizada com o alemão vendo o carro do brasileiro agir de forma instável, e na volta seguinte, a mais de 300 km/h, a Williams de Senna foi em direção ao muro da arriscada curva Tamburello e causou ferimentos irreversíveis, principalmente na cabeça, assustando todos aqueles que acompanhavam ao vivo o acidente do ídolo brasileiro (Rodrigues, 2024).

Ayrton foi retirado da pista com muito cuidado e levado ao hospital, em Bolonha, onde foram realizados inúmeros testes e tentativas de melhorar sua condição preocupante. Ninguém tinha muita certeza sobre o que aconteceria com Senna e durante horas de grande angústia e sofrimentos para a família, que o acompanhava pela televisão no Brasil, e para os tantos espectadores, fãs e colegas do piloto, enfim foi feito o anúncio pela equipe médica italiana: após o registro de uma morte cerebral, Ayrton Senna da Silva estava morto (Rodrigues, 2024).

No Brasil e em todo o mundo, o choque foi grande. Senna tinha se tornado um grande nome de referência para muitas pessoas que admiravam seu talento, carisma, espírito de lutador, paixão e seu orgulho em ser brasileiro. Amigo próximo, Emerson Fittipaldi via habilidade natural e muito esforço por parte de Ayrton, que foi chamado de “o melhor de todos os tempos. (...) Ele sofreu para conquistar seu sucesso, não tenham dúvida disso” (Motor Show, 2020).

Alguns até tiveram o impacto de perceber que Ayrton era, além disso tudo, um homem mortal: antigo rival, Alain Prost comentava a corrida na transmissão francesa e admitiu para Rodrigues, autor do livro “Ayrton: o herói revelado” (2024, p. 424), que ficara muito abalado, e que tinha “absoluta convicção de que Ayrton era tão superior que jamais morreria num acidente”. Sentimento parecido de Cristiane Ferracciu, ex-namorada de Senna, que revelou o estado em que ficou ao entender a gravidade do ocorrido: “Eu achava que Ayrton era indestrutível” (Rodrigues, 2024, p. 427).

Capítulo 4: Senna e a jornada do herói

Seguindo a ordem de acontecimentos proposta anteriormente para o mito do herói, iniciaremos neste capítulo a descrição e análise de acontecimentos na vida de Senna que evidenciam as similaridades com a jornada do herói.

Para J. Campbell (2023), a primeira etapa do mito é a da separação ou chamado, que inclui um rito de iniciação, o qual possui um simbolismo de transformação em que o herói se torna algo maior que era, mais sábio, maduro e forte. O “estágio da partida” é a passagem de uma atitude infantil para uma conduta mais adulta, que o auxiliará nas suas futuras lutas e desafios. Para Ayrton Senna, isso ocorreu quando ele decidiu se tornar um piloto profissional, atendendo ao seu chamado e indo em direção ao desconhecido, à aventura, aceitando as mudanças em sua vida, como a participação em competições oficiais, o casamento, a ida para a Inglaterra e o desligamento de uma dependência infantil perante os pais.

Ele deixou de ver essa atividade de corrida como uma brincadeira inocente, e passou a enxergá-la como uma necessidade, assumindo uma responsabilidade sobre sua vida e indo contra as objeções dos próprios pais, que temiam os perigos da carreira de piloto. O jornalista Celso Itiberê admirava essa potência e vontade, e disse que “Ayrton corria porque tinha uma obsessão” (Rodrigues, 2024, p. 53), algo confirmado por Senna diversas vezes, como quando admitiu: “O único prazer que eu tenho é ser competitivo e lutar por vitórias” (Rodrigues, 2024, p. 339).

Para entender melhor essa fase, podemos nos basear na teoria do fruto do carvalho, descrita pelo autor junguiano James Hillman em seu livro “O código da alma” (2025), em que ele escreve sobre a ideia de que há algo no ser humano que naturalmente o direciona ao seu destino, uma vocação essencial que é conectada a cada um de nós por algo que ele chama de “daimon”.

Hillman defende que “o destino é uma predisposição” (2025, p. 14), e existe um sentimento em cada indivíduo de que há um motivo maior para ele existir, um sentido para a própria vida, e isso é “o chamado”. Para a metáfora do fruto do carvalho, acredita-se que quando nascemos, trazemos conosco uma imagem primordial daquilo que realmente somos e devemos ser: antes de se tornar uma grande árvore, seu destino já está gravado dentro da semente do carvalho.

Seria, então, nosso dever dar atenção à essa imagem inata de nossa alma, para que seja possível se direcionar à realização do Self e seguir o caminho que é unicamente seu. Em seu

livro, Hillman (2025) descreve inúmeros exemplos de famosos que escutaram seus daimones e cristalizaram seus destinos, mostrando esse processo heróico que requer coragem, perseverança e, muitas vezes, a presença de figuras simbólicas de guias que motivam e educam o indivíduo para tornar-se quem é.

O daimon é, portanto, essa força interior que manifesta essa vontade intensa, a razão para existirmos. Ele necessita ser visto, alimentado, e não tolera a ignorância, podendo se mostrar lentamente ao longo da vida, ou em situações marcantes na infância (Hillman, 2025). Podemos acreditar que esse tenha sido o caso de Ayrton: começou a correr de kart aos 4 anos, como uma brincadeira influenciada por seu pai, mas que logo se tornou um objetivo de vida, o que lhe daria um sentido no decorrer da vida, e o levaria, com muito esforço, às conquistas de sua grandiosa carreira.

“Uma das possibilidades é a criança avançar (...). A outra possibilidade é se recolher e evitar o daimon.” (Hillman, 2025, p. 37): eis a outra direção que o herói pode tomar sobre seu destino, a possibilidade de recusa ao chamado. Esse é um movimento que é principalmente impulsionado pela negação do desejo (e do daimon) e pelas regras e padrões socioculturais, que dizem que deve-se seguir uma carreira comum, fácil, tradicional, ter uma esposa e filhos, se aposentar e esperar que sua vida enfim acabe. Mas no geral, é isso que causa sofrimento no herói.

Na década de 1980, Ayrton convenceu os pais a deixarem ele competir na Fórmula Ford 1600, na Inglaterra, onde conquistou o título inglês. Porém, uma promessa o prendia, e ele logo teve de voltar ao Brasil, ao invés de seguir para a categoria seguinte da competição: seu pai, “Miltão”, tinha uma empresa de material de construção, o qual queria que fosse comandado, mais tarde, por Ayrton. E por causa da pressão para desistir dos riscos do automobilismo, o jovem piloto tentou ir pela via da recusa ao seu chamado.

Foi um período muito doloroso, de grande infelicidade, e seu estado de espírito foi notado pela sua família e colegas, que entenderam que aquilo era uma questão de necessidade para Ayrton: ele precisava seguir o desejo de correr, se tornar um piloto profissional e obedecer seu dom. E foi, então, o que aconteceu, após uma crise familiar e muitas discussões, seus pais entenderam o sofrimento que Senna estava lidando, e decidiram que a felicidade do filho era mais valiosa. Em 1982, retornou à Inglaterra para correr na Fórmula Ford 2000, e em 1984, falou sobre a conciliação com Miltão e Neyde: “Depois que perceberam que poderia me prejudicar, passaram a me apoiar como na época do kart” (Rodrigues, 2024, p. 36).

De volta ao caminho original, Ayrton seguiu seus instintos e vontades, enfrentando diversidades e rivais, em 1983 subiu de categoria para a Fórmula 3 e, no ano seguinte, finalmente pôs os pés em uma equipe de Fórmula 1, a Toleman-Hart, cumprindo seu objetivo de ser um piloto profissional de F1. Agora, podemos olhar para outro aspecto do mito do herói, que Campbell (2023) descreve como o encontro com um mestre ou guardião, e uma fase que Brandão (1987) chama de “educação do herói”.

Como vimos anteriormente, é comum que o herói se depare com uma figura simbólica, que o auxilia no caminho rumo às vitórias. Para Senna, essa pessoa foi Nuno Cobra, um preparador físico já conhecido no mundo do esporte, cujo papel foi o de treinamento e condicionamento físico e mental, constantemente conversando sobre os detalhes psicológicos que levariam Ayrton à vitória, evidenciando seus pontos fracos para que ele pudesse trabalhar na superação e na consciência de seus limites (Rodrigues, 2024).

Em 1984, Nuno iniciou o processo com Senna, seu primeiro cliente no meio do automobilismo, com quem aprimorou seu método alternativo, o qual se baseava na hipótese de que para qualquer aprimoramento físico, era crucial uma evolução nos âmbitos espiritual, emocional e mental do esportista. De início, Cobra pensou que seu novo cliente era meio “raqúitico”, com uma capacidade cardíaca reduzida e, assim que aprendeu sobre o estresse que o corpo de Senna sofria dentro de um cockpit (superaquecimento, pressão da aerodinâmica, desidratação, desorientação, força gravitacional elevada pela velocidade, etc), se esforçou para adaptar seus ensinamentos para a realidade nova com a qual se deparava (Rodrigues, 2024).

Por exercer esse papel de orientador, Nuno Cobra se tornou uma espécie de mestre para Senna, um guia experiente que o ajudou a amadurecer física e emocionalmente, assim como aquelas figuras sábias que treinam os heróis mitológicos, educando-os em suas fraquezas e potenciais. No entanto, é evidente que essa parceria funcionou não só por causa do método e incentivo de Nuno Cobra, mas também devido a características excepcionais de Ayrton Senna.

Como nos mitos dos heróis, Senna possuía virtudes essenciais para alcançar seus objetivos: a *timé* e a *areté*. A primeira diz respeito à honorabilidade grandiosa que dá o devido valor ao herói e um status superior aos demais indivíduos (Brandão, 1987). A segunda é traduzida como “virtude” em si, mas comumente usada para se referir à excelência heróica, ela se expressa em “feitos extraordinários obtidos em situações de extrema dificuldade” e leva ao reconhecimento da glória do herói (Galito, 2012). Até Ayrton reconhecia esse traço em si mesmo, quando revelou como ele se forçava a superar os limites que seus adversários não se

atreviam a ultrapassar: “Tem momentos em que eu estou andando no limite e preciso de um pouco mais para superar o adversário. É quando vem a compensação. Forço o passo” (Rodrigues, 2024).

Essas são apenas duas de inúmeras características heróicas que encontramos em Ayrton, qualidades que foram desenvolvidas e polidas com a ajuda de seu ajudante experiente, Nuno Cobra, e que o levaram a uma imortalidade simbólica digna de um herói, merecedor de glória, uma vez que demonstrava sua bravura e coragem nas constantes disputas nas pistas.

“A diferença era a atitude. Ayrton era mais ambicioso, desesperado para vencer e dominar” (Rodrigues, 2024, p. 177): assim foi visto Senna no auge de sua disputa pela maior vitória na Fórmula 1, o campeonato de pilotos, contra um de seus maiores rivais, o francês Alain Prost. Dentre muitos outros companheiros de esporte, Prost, com quem dividiu a garagem da McLaren em 1988 e 1989, foi o mais emblemático deles, fazendo com que essa relação seja chamada até hoje como “uma das maiores rivalidades de todos os tempos” no esporte (Rodrigues e Bizarelo, 2024).

Menos experiente na categoria, Ayrton se juntou à Alain, duas vezes campeão mundial, para correrem juntos sob o nome da equipe inglesa, e, mesmo que em entrevistas e aparições públicas os dois tenham sido amistosos e respeitosos nesse início, nas pistas isso foi diferente. Prost tinha a vantagem no início da temporada e Senna ainda se adaptava ao carro, mas começou a mudar, com o brasileiro conquistando mais pontos apesar das disputas entre os dois carros. Nesse ano, Senna triunfou diante do francês, que deu início às acusações de que os mecânicos japoneses da Honda, motor utilizado na época, estariam beneficiando o adversário, um dos pontapés para a acirrada relação entre os colegas e rivais (Rodrigues e Bizarelo, 2024).

Já em 1989, a batalha se mostrou mais desafiadora: em Ímola, após uma relargada, Prost quebrou um acordo da McLaren que proibia manobras arriscadas em situações de largada. Depois do ocorrido, agora no Japão, perto de ser ultrapassado, Prost jogou seu carro no de Ayrton e abandonou, mas, devido a uma desclassificação pelo retorno perigoso à pista do brasileiro, Alain assegurou seu terceiro título mundial e até afirmou ter sido um ato de vingança pela temporada anterior. Diante do clima desagradável, Prost decidiu correr pela Ferrari no ano seguinte, e Senna, que não se calou, criou outra rivalidade notável, dessa vez com um superior da Federação Internacional de Automobilismo, Jean-Marie Balestre, quem acusou de manipulação de resultados, que lhe gerou uma multa e uma suspensão, mas não o impediu de competir no ano seguinte (Rodrigues e Bizarelo, 2024).

Em 1990 e 1991, Senna e Prost tiveram grandes disputas e batidas, cada um em sua equipe, e o brasileiro conquistou a glória do título “tricampeão” diante de todos os seus adversários, provando seu talento e persistência, e permitindo que o povo brasileiro tivesse orgulho de ter um grande atleta em uma competição mundial. Senna, então, se tornou mais um dos nossos maiores nomes na Fórmula 1, estando entre Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet (Rodrigues, 2024).

Poderíamos, aqui, mencionar outros grandes rivais que Ayrton colecionou durante sua carreira na Fórmula 1, como Mansell, Piquet e Schumacher, mas Alain Prost foi o mais emblemático, que em pouco tempo de contato, promoveu uma relação de respeito e guerra junto do brasileiro, de uma forma que marcou a vida pessoal e profissional de ambos e, como disse o próprio francês, “Ninguém pode falar de Ayrton sem mencionar meu nome, e ninguém pode falar de mim sem mencionar o dele” (Previdelli, 2023).

Diante desse exemplo, podemos entender como essa rivalidade entre os pilotos funcionou como uma manifestação física dos contos mitológicos sobre as lutas entre o herói e a fera. Brandão, listando alguns dos atributos clássicos do herói, comenta sobre o “caráter de combatente”, algo que é natural e da essência desses personagens e que os diferencia dos deuses, que são imortais, não sangram e não têm a necessidade inata desse tipo de confronto. Mas o herói não escapa disso, faz parte do seu ser: “a razão de existência do herói é a luta” (Brandão, 1987, p. 42), seja ela em guerra com exércitos, ou na chamada “monomaquia” (duelo, como no caso de Senna e Prost), o herói é quem está disposto a arriscar sua vida, utilizar suas armas e se preparar para qualquer tipo de perigo e sofrimento que possa encontrar no caminho para a vitória.

“Tudo o que ele conseguiu foi resultado de muito esforço e, às vezes, sofrimento” (Rodrigues, 2024, p. 122), foi a forma que Nuno escreveu Ayrton e seu espírito de guerreiro. Mas o preparador físico não era o único: quando Ayrton começou a criar relações mais próximas com os mecânicos da Honda na McLaren, os japoneses se encantaram com o estilo de trabalho, foco e profissionalismo do brasileiro, que foi até mesmo visto como um samurai. Foi o comentarista Jun Imamiya quem declarou essa comparação, já que, de acordo com a filosofia bushidô (referente aos ideais de um guerreiro do Japão feudal), um samurai “não vive para morrer, mas sabe que a morte está próxima a qualquer momento” (Rodrigues, 2024, p. 154).

Com isso, podemos ir adiante para outra característica importante na jornada do herói: a proximidade com a morte. Como disse Brandão (1987), o herói é uma figura que sempre está

preparado para o combate, a solidão e as descidas a outros planos de vida, sendo uma dessas catábases a maior e mais definitiva, a morte, que lhe permitirá a adoção de um título e honra ainda maior de herói, mas de eterno ídolo, protetor e símbolo de maior respeito.

A Fórmula 1, desde o seu início na década de 1950, permaneceu como um dos esportes mais perigosos, já que seus atletas estavam em contato com máquinas e tecnologias que garantiam altas velocidades, pressão aerodinâmica e circuitos complexos, colocando a vida dos pilotos em risco à cada Grande Prêmio. Ao todo, registram-se 52 mortes em eventos principais de corrida, classificação e testes, fatalidades que inspiraram mudanças de regulamento, regras e protocolos de segurança e um olhar mais cuidadoso sobre a saúde e preservação da vida dos pilotos (Lira, 2024).

Mas, para a maioria dos pilotos e fãs, é exatamente esse risco e perigo que tornam a Fórmula 1 um esporte tão fascinante, envolvendo medo e principalmente a coragem. Emerson Fittipaldi (Motor Show, 2019) admite, “Sempre soube que a profissão que escolhi era perigosa. E sempre aceitei esse risco”; Charles Leclerc, atual piloto da Ferrari também entende as circunstâncias da Fórmula 1: “Ficou muito mais seguro ao longo dos anos. Mas continuará sendo um esporte perigoso para sempre.” (Amaral, 2022).

Mesmo sempre declarando ser a favor de novas adaptações no automobilismo que garantem maior segurança, o heptacampeão Lewis Hamilton é um dos pilotos que vê como o risco é fundamental para o apelo em relação à categoria. Para ele, o perigo é o que encanta crianças que acompanham as corridas e observam a velocidade dos carros e pilotos correndo risco de morte à cada prova: “Isto é grande parte do que os fascina” (Cooper, 2016).

Até Ayrton pensava assim, entendendo que o medo demasiado é o que pode tirar a confiança do piloto, mas que é necessário ter também consciência dos possíveis acidentes na profissão e que, por isso, é importante manter o espírito do esporte e saber seus limites. “O piloto de Fórmula 1 está arriscando a vida, queira ou não.”, e para ajudá-lo a manter a calma, Ayrton rezava sempre que entrava no seu carro, lembrando-se de sua maior motivação, que era vencer (Senna, 1986).

Esse apelo experienciado pelos pilotos pode ser traduzido pela ideia de um desejo arquetípico pela transcendência, que é uma “dimensão intrínseca do ser humano” (Boff, 2000, p. 5). A transcendência se faz presente como uma busca inerente pela superação de obstáculos e limites, como uma condição essencial do ser humano de fazer contato com o além. Boff caracteriza tal condição como algo que “revela a grandiosidade do ser humano, mas também

sua dramaticidade, pois ele deve morrer tendo sempre o desejo de viver” (Boff, 2000, p. 11), realizando a passagem por uma morte simbólica, tal qual o herói que faz a passagem do limiar em suas aventuras.

Desse modo, o indivíduo mergulha em uma dimensão de abertura para o além e, como ocorre com os pilotos de Fórmula 1, os riscos da morte, simbólica ou concreta, são levados em consideração para a experiência transcendente, a adrenalina da vida. No Grande Prêmio de Mônaco, em 1988, Ayrton descreveu uma situação de transcendência que passou dentro de seu carro, em um dia de reinos, em que uma fusão simbólica entre o homem e a máquina o fez atingir uma sensação única: “Eu estava me superando a cada volta, e simplesmente entrei em outra dimensão”. A velocidade era tanta que o perigo pareceu desaparecer por um momento, sua visão transformada em um túnel que o permitia chegar a limites magníficos de seu carro, “A distinção entre homem e máquina deixou de existir, me fundi com o carro, viramos a mesma coisa” (Rodrigues, 2024, p. 182).

Essa experiência se relaciona com uma característica central do herói mitológico, que é a superação das medidas, o *métron*, e a proximidade com a *hýbris*, que é o excesso (Brandão, 1986). Senna, nessa situação de 1988, soube evitar esse excesso perigoso que a transcendência o aproximou, decidindo voltar para a garagem de sua equipe e se afastou do carro para refletir sobre o que acabara de sentir. No entanto, se analisarmos sua morte, em 1994, e o contexto no qual ela ocorreu, é possível ver essa dificuldade em escapar da *hýbris*, ultrapassando os limites da transcendência e chegando a uma morte factual.

Porém, antes desse passo final à tragédia, existe ainda a fase do “retorno do herói”, em que ele possui a responsabilidade de regressar às origens, levando consigo suas vivências transcendentais e apresentá-las à sua pátria. Para Campbell (2023), o herói que experimenta o mundo transcendental, retorna ao mundo profano com uma dádiva que não se traduz para os indivíduos terrestres e, portanto, ele deve adaptá-la e transformá-la em um ensinamento, dando graça ao povo de sua nação. E esse é um trabalho difícil, pois o herói deve se tornar fluente em ambas as linguagens, transcendental e profana, sobre-humana e humana, estando presente nos dois espaços, com sabedoria para não os contaminar.

Diante de uma época sensível para os brasileiros, com instabilidade financeira, desesperança e fragilidade política, Ayrton Senna foi uma espécie de luz no fim do túnel. A Fórmula 1 perdia para o futebol em questão de popularidade, e mesmo que Fittipaldi tivesse conquistado admiradores nos anos 70, e Piquet ganhado fama no início da década de 80, foi

Senna que trouxe o brasileiro para mais perto do automobilismo, cativando torcedores que o viam como uma figura que permitia que houvesse fé de que o Brasil era capaz de conquistar coisas boas em uma fase tão conturbada. Ele se empenhava frequentemente em demonstrar o valor que atribuía à pátria, retribuindo o amor que recebia da torcida, seja no ato de erguer bandeiras, ou no uso de seu icônico capacete, adornado com as cores brasileiras, criando uma identidade visual que representava a si mesmo e a toda uma nação.

Durante sua carreira, as vitórias e pódios de Senna foram acontecimentos marcantes para os brasileiros que escolhiam o esporte como um lazer, e uma delas virou destaque: no dia seguinte a um fracasso no futebol, a derrota da Seleção na Copa do Mundo de 1986, eliminada pela França, Ayrton ocupou o lugar mais alto do pódio em Detroit, Estados Unidos. Foi a primeira vez que Senna ergueu a bandeira brasileira dentro de seu carro, mostrando-a com orgulho pela pista norte-americana, após uma corrida complicada. Esse ato se tornou simbólico pois, até mesmo quem não assistia Fórmula 1 pôde ter a sensação de vitória, triunfo e a honra de carregar o título de “ser brasileiro” (As vitórias, 2022).

Além desse tipo de gesto, Ayrton ainda fazia questão de frequentemente fazer doações e atos de caridade para pessoas e instituições, mas com um detalhe: suas contribuições financeiras eram anônimas, não deixava que quase ninguém soubesse que o doador era ele, e não permitia que saíssem notícias nas mídias. Senna se preocupava com a possibilidade de verem sua caridade como uma forma de autopromoção, e, por isso, preferia manter essas práticas em segredo, altruisticamente.

Com desejo de transformar essa generosidade em algo mais concreto, no início de 1994 Senna manifestou à família o desejo de inaugurar uma instituição voltada para o investimento na educação de crianças e jovens brasileiros. Infelizmente, foi apenas em novembro de 1994, meses após a sua morte, que seu sonho se realizou. Viviane Senna, irmã mais velha de Ayrton e parceira de negócios, foi quem transformou seu esforço em uma homenagem ao irmão: fundou o Instituto Ayrton Senna, que ainda hoje está sob seu comando em uma luta por um futuro melhor para milhares de jovens no Brasil, transmitindo o legado de generosidade para gerações futuras (Rodrigues, 2024).

Agora, passada a fase do “retorno do herói”, podemos ir adiante e discutir sobre seu desfecho, a luta final a qual o herói não pode vencer o adversário da vez: a morte. Em “Mitologia Grega: Volume III” (1987), Junito Brandão agrega o pensamento de alguns autores e sintetiza a morte do herói arquetípico, que, após um período de grandes lutas e desafios,

vencendo conflitos devido a sua natureza sobre-humana, está destinado a um fim trágico, uma morte grandiosa e significativa para aqueles que o acompanhavam e admiravam.

Para Jung (2013), começo e fim são qualidades de qualquer processo, incluindo nossa vida, que inevitavelmente passa pelo nascimento até chegar à morte. Sobre essa imperatividade da morte, várias reflexões podem ser feitas, principalmente quando olhamos a relação do homem com o final da vida, que habitualmente aflora sentimentos de angústia, tristeza, luto e negação. Porém, Jung argumenta que a morte pode ser vista como “a realização plena do sentido da vida e sua verdadeira meta”, atitude que condiz mais com a lógica coletiva da psique humana (Jung, 2013, p. 402).

Seguindo essa visão, Vernant (1978) discursa sobre o que é a “bela morte” para os gregos, que é uma forma de morte experienciada pelo herói, mas que possui um sentido simbólico que vai além de um simples fim da vida. A bela morte acontece como um ritual de passagem, no qual o herói morre em batalha e é, então, elevado à glória máxima, garantindo que todos os seus feitos sejam lembrados eternamente pelos indivíduos que o admiram. Assim, o herói atinge o maior nível de *areté*, de excelência, e sua memória será carregada por gerações futuras: tal é o sentido verdadeiro da morte para o herói, e a sua meta final é realizada ao garantir seu lugar de “não-esquecimento” na mente coletiva.

Fala-se, portanto, de uma dimensão imortal da alma que esse herói carrega. Sua morte não indica um fim, mas uma transformação, a transcendência e um tipo de renascimento, que não é sobre a mudança de um corpo ou a ideia comum de ressurreição. Aqui, a experiência arquetípica do renascimento se aproxima do que chamamos de “renovação” ou “renascimento”, em que existe uma transmutação profunda “do ser mortal em um ser imortal, do ser corporal no ser espiritual” (Jung, 2021, p. 68). De tal modo, a figura do herói se torna ligada a um simbolismo que vai além daquilo que ele representou enquanto corpo mortal, pois, agora, as noções de honra, glória e excelência o permeiam mais do que nunca.

Voltando nossa análise para o piloto brasileiro, similaridades podem ser traçadas entre o processo da bela morte e a fatalidade de Ímola que tirou a vida de Ayrton Senna. O início do Grande Prêmio de San Marino de 1994 começou com um grande susto: Rubens Barrichello teve forte batida em um dos treinos e, apesar de ter ficado bem e se recuperado, já causou preocupação em Ayrton Senna, que reparou como a pista era instável e perigosa, cogitando a ideia de se recusar a participar da corrida. Nessa mesma noite, porém, encontrou amigos para um jantar, incluindo Galvão Bueno, que o convenceram de que ele deveria correr.

Entretanto, no dia seguinte, no treino classificatório, uma situação ainda mais crítica: Roland Ratzenberger morreu em uma batida violenta contra o muro na reta que ligava as curvas Tamburello e Villeneuve. O ocorrido abalou Senna de forma significativa, sendo percebida por amigos e repórteres, incluindo Celso Itiberê, que o descreveu como “gelado” ao chegar no autódromo no domingo, além de “absolutamente concentrado e triste”. Ayrton, que tinha uma espécie de ritual antes de cada corrida, mudou esse hábito, passou mais tempo passando a mão no carro, estudando-o, e, ao entrar no cockpit, ao invés de colocar o capacete e manter um olhar fixo como sempre fazia, escolheu não usar o capacete naquele momento pré-corrida. “Fez um procedimento totalmente diferente daquele que a gente estava acostumado a vê-lo fazer.” (Marino, Curty, 2024).

A corrida já começou com complicações, uma batida logo na largada que fez com que as primeiras voltas fossem feitas atrás do *safety car*, que liberou uma relargada após a quinta volta. Ayrton, em primeiro, conseguiu manter a posição à frente de Schumacher e Berger. Na sétima volta, a instabilidade do Williams foi gritante, passando direto pela curva Tamburello em uma batida intensa contra o muro no momento em que Ayrton forçava o carro a atingir uma velocidade de cerca de 300 quilômetros por hora (Rodrigues, 2024).

O espanto foi enorme, e o que se seguiu foram horas de agonia e incerteza sobre seu estado de saúde, após Senna ter sido levado ao hospital de Bolonha, onde registraram sua morte. A corrida, apesar do acidente, continuou, e o pódio foi formado por Schumacher, Larini e Häkkinen, que descobriram a gravidade da batida de Senna só depois do final da prova, assim como outros pilotos e funcionários, que ficaram presos em informações contraditórias sobre o verdadeiro estado de Ayrton após a batida (Rodrigues, 2024).

Diante disso, a primeira semelhança que podemos apontar entre o conceito da “bela morte” e o falecimento de Ayrton Senna é a morte em batalha, ou seja, o final da vida do herói ocorre em meio à luta. No caso de Senna, a declaração de morte cerebral foi dada pelos médicos de Bolonha horas depois, no entanto, para alguns dos espectadores que acompanhavam a corrida, a certeza veio antes, pois a falta de respostas no momento da batida foi o que levou muitos a aceitarem que Ayrton estaria morto antes mesmo de ser retirado da pista.

Essa ideia da morte em batalha, principalmente com o fato de ter sido televisionada internacionalmente, é de grande importância para explicar a comoção que foi assistir o evento, repleto de angústia, incerteza e medo. Diferente de outros casos fatais na Fórmula 1, Ayrton Senna carregava consigo o amor e a enorme expectativa de inúmeros fãs e, como sempre, se

esforçava em cada prova para se firmar como o melhor entre os outros pilotos. Porém, pode-se argumentar que foi exatamente essa determinação que o fez encontrar tal destino trágico.

Como já foi mencionado, é característico do herói possuir esse impulso de transcendência, que o leva até outro limiar através de atos que ultrapassam as medidas (*métron*). Em Ímola, Ayrton não foi capaz de controlar seu desejo de superação, em um carro instável e correndo em uma pista arriscada, ele se aproximou do excesso, que chamamos de *hýbris* nos mitos dos heróis. A herança dos gregos e sua mitologia permeia em nossa cultura até a atualidade e, por isso, experienciamos seus simbolismos de forma tão viva: nos identificamos com o herói que comprova sua “excelência pela coragem diante da morte”, projetando em Senna nossos próprios desejos de superação, determinação e glória (Giacioia Júnior, 2005).

Outro ponto que evidencia tal comportamento do ser humano diante da morte é a constante lembrança sobre o morto e seus feitos. Vemos isso quando monumentos, estátuas e eventos são realizados como forma de homenagem, e em 2024, diversos movimentos foram feitos para relembrar 30 anos da morte do piloto brasileiro. Em maio, o Autódromo de Interlagos recebeu 10 mil pessoas para a 19ª edição da Ayrton Senna Racing Day, uma corrida de rua que seguiu o traçado da pista (Redação ge, 2024). Já em novembro, durante o fim de semana do Grande Prêmio de São Paulo, os espectadores se emocionaram ao assistirem Lewis Hamilton, heptacampeão e fã de Senna, dirigir o emblemático MP4/5B pelo circuito, repetindo o gesto de erguer a bandeira brasileira durante algumas voltas (Reis, 2024).

Essas homenagens são marcos do legado de Ayrton Senna, que não caiu na morte do esquecimento, mas foi colocado em um nível diferenciado, pois, passando pela “bela morte”, ele é rememorado pelos seus atributos de ídolo e herói de uma legião de fãs. Senna foi glorificado, e ainda é lembrado como atleta e figura importante para tantos brasileiros que lhe depositaram admiração e carinho e, portanto, de maneira simbólica, não o deixa morrer. Como herói, ele alcançou a honra heróica (*timé*), o reconhecimento popular e a glória imortal.

Considerações finais

A partir do desenvolvimento de tais ideias, usando a psicologia de C. G. Jung como base, e fazendo uma revisão dos principais pontos da vida e carreira do piloto brasileiro Ayrton Senna, voltamos à pergunta inicial do estudo: como pode-se explicar o apelo psicológico e simbólico da Fórmula 1, a partir da psicologia analítica?

Vimos que, segundo a teoria psicológica de Jung, os seres humanos são portadores de uma psique dinâmica, com conteúdos conscientes e inconscientes pessoais, elaborados durante nossa vida e que são únicos para cada indivíduo. Além deles, a psique humana também porta uma série de materiais inconscientes, de caráter coletivo, os quais se organizam em arquétipos, ou seja, possibilidades de imagens que referem-se a uma época remota da espécie humana (Jung, 2013).

Muitos desses arquétipos aparecem em sonhos, religiões, obras de arte e, através de símbolos, em nosso cotidiano. Símbolos são imagens que surgem do encontro de conteúdos arquetípicos com a consciência, resultado de uma atividade autônoma do inconsciente, e essas representações aparecem para nós com significados que vão além da nossa compreensão, carregando sempre algo de oculto e misterioso (Jacobi, 1995).

Devido ao caráter desconhecido do símbolo, a psique humana possui uma tendência a outra atividade espontânea, que é a de projeção de conteúdos pessoais nessas imagens, dando-lhes sentidos significativos no nível individual. Kast (2013) chama isso de “atitude simbolizadora”, um processo natural do Eu de depositar material inconsciente interior sobre uma realidade exterior, envolvendo temas que são relevantes para o sujeito e para os seres humanos, de modo geral, no caso de temas arquetípicos.

Seguindo essa lógica, entendemos que existe um impulso involuntário de se aproximar dessas narrativas, personagens e imagens que possibilitam projeções, e o mito do herói é um grande exemplo disso. Desde os primórdios, os seres humanos sentem um fascínio por histórias que relatam grandes feitos, superações e lutas entre o bem e o mal, ou entre o herói e o antagonista, pois tais contos servem como objeto de projeção de nossas próprias “lutas” internas ou cotidianas, que são assuntos comuns e arquetípicos. Em “Símbolos da transformação” (2016, p. 228), Jung discorre sobre essa ânsia dos humanos de encontrar uma entidade ou imagem que reflita esses conteúdos íntimos que carregamos, dizendo que constantemente procuramos “o

herói ou o deus, justamente o ser semelhante ao homem, que exprime aquelas ideias, formas e forças que comovem e moldam a alma humana”.

Sendo assim, é possível entender que essa necessidade inconsciente permite que ocorra a atitude simbolizadora em cima de personagens de contos, sonhos, figuras religiosas e até outros seres humanos, principalmente aqueles que ficam em evidência midiática por serem considerados celebridades. Um caso em que isso fica claro é o de Ayrton Senna, piloto de Fórmula 1 e tricampeão na categoria, ele foi alvo de grande admiração e projeção, consequentemente sendo chamado de ídolo e herói por aqueles que acompanharam ou vieram a conhecer sua jornada profissional.

Durante sua vida pessoal e carreira no automobilismo, Senna demonstrou características de determinação, força, coragem e honra, as quais aparecem como essenciais dos personagens heróicos de mitos clássicos. Cumprindo os estágios do monomito do herói, ele passa pelo padrão que Campbell (2023) chamou de “separação-iniciação-retorno”, enfrentando suas lutas e disputas nas provas da Fórmula 1 e provando seu talento no esporte, garantindo 41 vitórias e três títulos mundiais.

Porém, assim como os heróis mitológicos, ele sofreu devido a sua força de vontade e chegou aos seus limites, ultrapassando-os de maneira ousada e cometendo a *hýbris*. Com isso, além das condições de pista e carro desfavoráveis, e um emocional abalado pelo contexto dos dias anteriores, Ayrton Senna encontrou a morte em maio de 1994, no Grande Prêmio em Ímola, onde o desejo insaciável pela transcendência o levou a falecer devido aos graves ferimentos após uma batida.

Não falamos aqui que Ayrton reproduziu cada fase do mito do herói de forma literal, pois há diferenças entre a trajetória de um personagem da mitologia grega e um brasileiro que viveu em outro século. No entanto, ao analisarmos as semelhanças entre a história dessas duas figuras, vemos que há a presença de símbolos significativos, que podem explicar em partes o sucesso que Senna fez entre o povo brasileiro e mundial.

Ayrton Senna deixou de ser apenas um piloto no momento em que o público depositou nele um ideal heróico, de ídolo de uma nação, que seria, e de certa forma foi, a esperança que a alma brasileira tanto desejava. O contexto da época também foi favorável para isso, repleto de incertezas políticas e fracassos em outros esportes, como o futebol, foi Senna quem deu a alegria e satisfação para o povo que o assistia aos domingos, triunfando em um meio esportivo majoritariamente europeu.

Dessa forma, “Ayrton Senna do Brasil” foi o atleta capaz de chegar à posição de herói imortal no imaginário coletivo, cativando pessoas de várias gerações com seu talento e determinação, mas também por seu carisma e orgulho de ser brasileiro. Simbolicamente, e com a realização de homenagens até hoje, ele se torna imortal por não cair em esquecimento, por ser lembrado pela pessoa e profissional que foi, seja pela família, amigos ou pelos próprios fãs: Ayrton Senna permanece vivo, mesmo após a morte.

Referências bibliográficas

AMARAL, Sarah. **Leclerc sobre os perigos da F1: “É difícil para minha mãe”**. F1 Mania, 2022. Disponível em: <https://www.f1mania.net/f1/leclerc-sobre-os-perigos-da-f1-e-dificil-para-minha-mae/>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

AS vitórias de Ayrton Senna durante a Copa do Mundo de futebol. © 2023 Senna Brands – Produzido sob licença do Instituto Ayrton Senna, 2022. Disponível em: <https://www.senna.com/as-vitorias-de-ayrton-senna-durante-a-copa-do-mundo-de-futebol/>. Acesso em: 7 de outubro de 2025.

AYRTON Senna: Quem foi o piloto brasileiro de F1 mais famoso do mundo. National Geographic Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/11/ayrton-senna-quem-foi-o-piloto-brasileiro-de-f1-mais-famoso-do-mundo>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência**. Editora Sextante, 2000.

BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega, Volume III**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega, Volume I**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.

COOPER, Adam. **Hamilton diz que perigo é parte importante do apelo da F1**. Motorsport, 2016. Disponível em: <https://motorsport.uol.com.br/f1/news/hamilton-diz-que-perigo-e-parte-importante-do-apelo-da-f1-718603/718603/>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

DONALDSON, Gerald. **Hall of Fame - Ayrton Senna**. © 2003-2025 Formula One World Championship Limited. Disponível em: <https://www.formula1.com/en/information/drivers-hall-of-fame-ayrton-senna.FLD7ZtO0nUn7JzLEn5rOJ>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1998.

Emerson Fittipaldi: “O piloto precisa reconhecer o perigo e saber parar. Eu soube, duas vezes”. Motor Show, 2019. Disponível em: <https://motorshow.com.br/emerson-fittipaldi-o-piloto-precisa-reconhecer-o-perigo-e-saber-parar-eu-soube-duas-vezes>. Acesso em: 21 de outubro de 2025.

Emerson Fittipaldi: Qual foi o melhor piloto de Fórmula 1 de todos os tempos? Motor Show, 2020. Disponível em: <https://motorshow.com.br/emerson-fittipaldi-diz-qual-foi-o-melhor-piloto-de-formula-1-de-todos-os-tempos>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

F1: Hamilton conquista sétimo título e iguala marca de Schumacher. CNN Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/automobilismo/f1-hamilton-conquista-setimo-titulo-e-igualar-marca-de-schumacher/>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

GALITO, Maria Sousa. **Areté – Heroísmo e Excelência.** CI-CPRI, Artigo de Filosofia, N°3, pp. 1-12, 2012.

GIACOLA JÚNIOR, Oswaldo. **A visão da morte ao longo do tempo.** Medicina (Ribeirão Preto); 38(1): 13-19; 2005.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. Cap. 2, p.136-205.

HILLMAN, James. **O código da alma:** em busca da essência e do chamado. São Paulo: Goya, 2025.

Interlagos recebe corrida de rua em homenagem a Ayrton Senna. Redação ge, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2024/05/01/interlagos-recebe-corrida-de-rua-em-homenagem-a-ayrton-senna.ghtml>. Acesso em: 18 de novembro de 2025.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo,** na psicologia de C. G. Jung. 10. ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix LTDA., 1995.

JUNG, Carl G. **A natureza da psique.** 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUNG, Carl G. **A vida simbólica.** Vol. 1. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUNG, Carl G. **Memórias, sonhos, reflexões.** 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

JUNG, Carl G. **O espírito na arte e na ciência.** 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JUNG, Carl, G. **Quatro arquétipos.** 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

JUNG, Carl G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MARINO, Luana; CURTY, Gabriel. **“Morte de Senna transformou todos nós”: Celso Itiberê relembra GP de San Marino**. GP, 2024. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/morte-ayrton-senna-transformou-todos-nos-celso-itibere-recorda-gp-san-marino/>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos**: Fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

LIRA, Cauê. **Fórmula 1: qual a temporada mais mortal da história?**. Autoesporte, 2024. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/automobilismo/noticia/2024/03/formula-1-qual-a-temporada-mais-mortal-da-historia.ghtml>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

PREVIDELLI, Fábio. **Senna X Prost: Como o ‘rival’ lidou com a morte de Ayrton há 30 anos**. Aventuras na História, 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/senna-x-prost-como-o-rival-lidou-com-morte-de-ayrton.phtml>. Acesso em: 14 de outubro de 2025.

REIS, João Vítor. **Retrospectiva: 2024 foi marcado por homenagens aos 30 anos sem Senna**. Metrôpoles, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/morte-de-senna-completou-30-anos-2024>. Acesso em: 18 de novembro de 2025.

RODRIGUES, Bruna; BIZARELO, Rafael. **Ayrton Senna e Alain Prost: conheça a história da rivalidade entre os pilotos**. GE, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2024/05/02/ayrton-senna-e-alain-prost-conheca-a-historia-da-rivalidade-entre-os-pilotos.ghtml>. Acesso em: 14 de outubro de 2025.

RODRIGUES, Bruna; BIZARELO, Rafael. **Há 40 anos, Senna ficou por um triz da vitória na estreia em Mônaco**. GE, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2024/05/23/ha-40-anos-senna-ficou-a-um-triz-da-vitoria-na-estreia-em-monaco.ghtml>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

RODRIGUES, Ernesto. **Ayrton: O herói revelado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2024.

SENN, Ayrton. **Entrevista concedida ao programa Roda Viva**, apresentado por Rodolpho Gamberini, com bancada formada por Reginaldo Leme, Marcelo Rezende, Galvão Bueno, etc. TV Cultura, São Paulo, 15 de dezembro de 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gpPUsXyqh3s&t=1s>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

Senna. © 2023 Senna Brands – Produzido sob licença do Instituto Ayrton Senna. Disponível em: <https://www.senna.com/> . Acesso em: 29 de março de 2025.

SILVEIRA, Nise. **Jung: Vida e obra.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

VERNANT, Jean-Pierre. **A bela morte e o cadáver ultrajado.** **Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 31-62, 1978. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1978.37846. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37846>. Acesso em: 14 de novembro de 2025.